



Fotos: Minervino Junior/CS/DA Press

Pela primeira vez na América Latina, o tradicional Coro da Capela Sistina lotou a Catedral Metropolitana para uma missa solene e um concerto histórico que celebram os 200 anos de relações com a Santa Sé

» CARLOS SILVA

A Catedral Metropolitana Nossa Senhora Aparecida viveu, na noite de ontem, um dos momentos mais marcantes de sua história recente ao receber a Cappella Musicale Pontificia “Sistina” — o tradicional Coro da Capela Sistina, conhecido mundialmente como o Coro do Papa.

Pela primeira vez em sua história de mais de 15 séculos, o conjunto vocal se apresentou na América Latina. Brasília foi uma das cidades escolhidas para receber o espetáculo, que emocionou milhares de pessoas e transformou o principal templo católico da capital em um cenário de profunda espiritualidade, arte e contemplação.

Herança secular

O maestro Monsenhor Marcos Pavan destacou o significado histórico da turnê brasileira e a importância de aproximar um patrimônio musical da Igreja Católica de novos públicos. Primeiro maestro não italiano a dirigir a Capela Sistina desde a criação do cargo, ele ressaltou que o coro não representa apenas uma tradição artística, mas uma missão de serviço à liturgia, preservando uma herança musical construída ao longo de séculos. E que a missão vai além da execução musical e está diretamente ligada à própria liturgia da Igreja Católica. Segundo o maestro, a música ocupa um papel essencial nas celebrações religiosas. “Faz parte da natureza da liturgia ser cantada”, afirmou Pavan. Ele explicou que o canto gregoriano permanece como “o canto oficial da Igreja” e continua sendo um modelo para a música litúrgica. “A melodia serve a palavra, coloca em relevo o significado da Palavra de Deus que está sendo cantada. O texto comanda e a melodia serve o texto”, destacou.

O regente também comentou o significado da turnê brasileira, realizada no contexto dos 200 anos das relações diplomáticas entre o Brasil e a Santa Sé. Para Pavan, a música exerce um papel de aproximação entre povos e culturas. “As relações diplomáticas significam uma ponte de entendimento entre dois Estados e acho que nenhuma linguagem pode construir pontes melhor do que a linguagem musical”, afirmou.

Laços de comunhão

Pouco depois, às 19h, a Catedral recebeu centenas de fiéis para a Santa Missa presidida pelo Cardeal Paulo Cezar Costa, arcebispo de Brasília. O cardeal Paulo Cezar Costa afirmou que a presença do Coro em Brasília simboliza a solidez das relações entre o Brasil e a Santa Sé, que completam 200 anos em 2026. Segundo ele, a visita do Coro do Papa reforça os laços de comunhão entre a

Igreja no Brasil e a Igreja de Roma.

“É uma relação bonita que o Brasil tem com a Santa Sé, que se expressa também na visita do coro, nesse momento bonito de fé e de cultura”, disse o cardeal. Para ele, a apresentação também tem um significado especial por aproximar os fiéis brasileiros do Vaticano: “Não somos nós que estamos indo até Roma. É Roma que vem até nós. Aquilo que eles cantam para o papa, eles estão aqui também cantando para nós”.

Dom Paulo também destacou que o concerto ultrapassa o aspecto religioso e alcança todos os apreciadores da música sacra. Na avaliação do arcebispo, a beleza da arte possui um caráter universal e é capaz de conduzir o ser humano à transcendência. “A beleza atrai e a música eleva o espírito”, afirmou. Segundo ele, “todo ser humano gosta do belo e a música tem a capacidade de abrir o espírito e levar à contemplação de Deus”.

Música sagrada

Ao término da missa, a expectativa tomou conta da Catedral. Com os bancos completamente ocupados e centenas de pessoas acompanhando atentamente cada movimento no altar, o silêncio que antecedeu as primeiras notas parecia traduzir a dimensão histórica daquele momento. Afinal, tratava-se da apresentação de um conjunto que acompanhou papas e continua sendo uma das maiores referências da música coral em todo o mundo.

Alessio D’Aniello, o único brasileiro entre os integrantes adultos da Cappella Musicale Pontificia “Sistina”, descreveu como emocionante a oportunidade de se apresentar no país onde nasceu. Segundo o cantor, toda a delegação tem sido calorosamente recebida nas cidades brasileiras por onde passou. “É um orgulho único cantar no coral mais antigo do mundo. Cada vez que cantamos é sempre uma emoção diferente”, disse.

Quem viu a apresentação também teve a mesma sensação. Diego Rosa Mota, 36 anos, foi à acompanhado da filha, Melina, 6. Embora tenha afirmado que não é praticante da religião católica, ele contou que decidiu participar do evento pela oportunidade de ouvir um dos coros mais tradicionais do mundo. “Está sendo muito bonito. Acho que é uma experiência bem legal. É muito prazeroso poder desfrutar dessa beleza”, afirmou.

Maria Aparecida, 41, classificou a celebração como um momento de profunda espiritualidade. Católica, ela afirmou que a presença do grupo musical tornou a missa ainda mais especial. Para ela, ouvir o tradicional Coro do Papa durante a celebração foi uma experiência que remeteu à presença divina. “Estar aqui nesse momento é sentir o acolhimento de Deus e sentir um pedacinho do céu.”



Turnê tem um significado especial por aproximar do Vaticano os fiéis brasileiros



Diego Rosa Mota, 36 anos, e a filha, Melina, de 6



Para Maria Aparecida, o coro trouxe presença divina



“Faz parte da natureza da liturgia ser cantada”, afirmou o Monsenhor Marcos Pavan